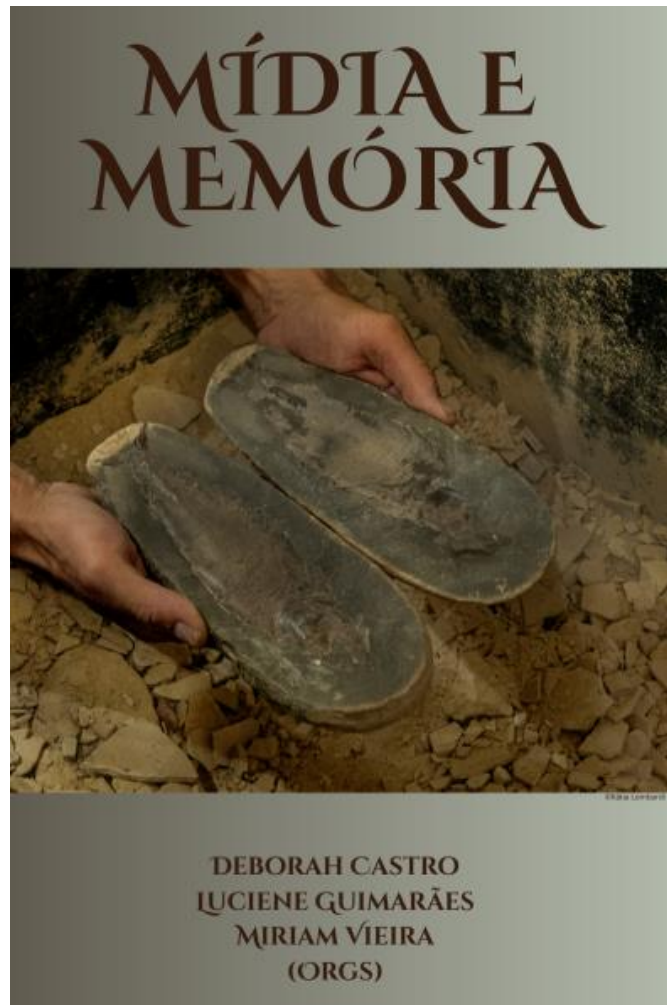


INTRODUÇÃO

A relação entre mídia e memória é ancestral e se inscreve nos primórdios da imagem quando na pré-história, o homem, buscando se exprimir, grava nas paredes de uma caverna suas próprias mãos impregnadas de pigmento. Se essas “mãos negativas” são consideradas pela história da arte a primeira manifestação artística, a imagem já se instala na representação de algo exterior à sobrevivência humana. Os fósseis, onde o tempo se encarregou de imprimir imagens entre as camadas arqueológicas das rochas, também são rastros da existência. Dando um salto no tempo, a imagem se alia à técnica e depois à tecnologia, cabendo à mídia o papel de mediação técnica e material.



Com a chegada do mundo digital, a mídia também passa a ser explorada como memória, quando os meios técnicos que utilizávamos para registrar ou representar, como câmeras e dispositivos começaram a se tornar obsoletos. O analógico e o digital separam não só duas tecnologias, mas memórias que também se perdem, pois é através da mídia que as memórias são perpetuadas. Portanto, se as tecnologias se tornam ultrapassadas, há o risco de que imagens também desapareçam: a fotografia, o cinema, as histórias filmadas em super-8, registradas em polaroids, o álbum de família que vai se deteriorando. A cultura digital implica em transformações consideráveis na relação com as mídias, mudança de paradigma no debate atual que discute os novos lugares da imagem e do som, que já cogitou o próprio desaparecimento do cinema. A literatura acaba sendo a mídia onde a memória é representada sem a validade da cor sépia das fotografias e filmes antigos. Como exemplo, a obra da

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-4
----------------------------	-------------	-------	------	-----

escritora francesa Annie Ernaux é onde inscreve tal relação da mídia e da memória, através do texto e imagem.

No campo multidisciplinar, a arqueologia das mídias vem sendo consolidada como disciplina entre historiadores, filósofos e pesquisadores tais como Erkki Huhtamo e Thomas Elsaesser. Esse último destaca precursores como Walter Benjamin (A obra de arte na sua reprodutibilidade técnica) e Michel Foucault (Arqueologia dos saberes). Jussi Parikka lançou, em 2012, *O que é arqueologia das mídias*, só publicado no Brasil dez anos mais tarde. Em tal livro, história, tempo e arquivo são centrais para o debate da cultura digital. Friedrich Kittler é outro teórico também incontornável na contribuição no campo da arqueologia das mídias. No campo dos estudos da intermedialidade, o conceito de remediação (*remediation*), forjado por Bolter e Grusin, sustenta que uma mídia remedia outra, indica que não há evolução ou linearidade que torna mídias obsoletas, pois traços das mesmas mídias retornam e reincorporam novas mídias. A remediação se apresenta em todos os dispositivos do cinema, já remediados da fotografia. A memória do cinema a partir dos seus dispositivos, desde os primórdios da fotografia, como a câmera obscura, depois a lanterna mágica, o kinetoscópio, a tela grande e sala escura, e hoje, a multiplicidade de telas é um exemplo emblemático. Elsaesser lembra que “as mídias digitais também revolucionaram nossos conceitos de armazenamento e recuperação, e de acesso e disseminação, automatizando tanto a memória quanto a recordação” (Elsaesser, 2018, p. 53)¹. De fato, a cultura digital exige mudança de rituais, novos hábitos e postura dos seus usuários. Entretanto, é preciso ressaltar que na relação entre mídia e memória, resgata-se também a literatura como transmissora na representação da memória.

Para este Dossiê, estamos interessados em artigos que, de alguma forma, tragam reflexões acerca das seguintes perguntas: Como podemos pensar mídia e memória? Como podemos preservar a memória pessoal e coletiva senão através das mídias? Imagens e palavras se somam para contar ou ficcionalizar o vivido? Como afirma Jacques Rancière, “o real precisa ser ficcionalizado para ser pensado”² e essa representação do real se dá pelas mídias, tais como literatura, fotografia e cinema, para citar algumas. Mesmo a mídia tornada obsoleta pode hoje ser remediada em novas mídias, contribuindo

¹ ELSAESSER, Thomas. **Cinema como arqueologia da mídias**, São Paulo, Edições Sesc, 2018.

² RANCIÈRE, Jacques. **As distâncias do cinema**, Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 2009, p. 58

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-4
----------------------------	-------------	-------	------	-----

para uma verdadeira arqueologia da memória. Este Dossiê explora temas como mídia, imagem e memória em suas mais diversas facetas e desdobramentos.

Ana Carbonieri, no artigo “A (des)conexão de Hirayama em *Perfect Days*”, traça o perfil da personagem Hirayama e sua construção no filme de Wim Wenders considerando sua relação com o tempo presente e com as mídias, suas conexões e desconexões como sujeito contemporâneo. O artigo “Das telas de cinema aos parques temáticos”, de Bruna Leite, investiga a continuidade da narrativa do universo cinematográfico de Harry Potter para os parques temáticos a partir de um estudo das telas e como elas modificam a experiência dos consumidores. No artigo “Livros, censura e memória”, Deborah Castro propõe uma leitura da obra “Biblioteca Maldita”, da artista brasileira Marilá Dardot, observando o papel dos livros na arte contemporânea e sua relação com a memória, a censura e o silenciamento. Em “Raízes em deslocamento”, Jalmir Ribeiro investiga as narrativas verbal e visual em *Grandfather’s Journey*, de Allen Say, aprofundando em temas como identidade, memória e pertencimento com foco no narrador da obra. Joicy Ferreira, no artigo “Por trás das lentes”, apresenta a relação dos protagonistas das obras *A Line Made by Walking* e *Como ser as duas coisas* com a fotografia e a contribuição desta para a formação dessas personagens artistas. No artigo “Fotografia, história e memória em *Os anos*, de Annie Ernaux”, Juscimara Presoti analisa como as descrições das imagens na obra se tornam testemunhos visuais das memórias tanto individuais quanto coletivas da autora, revelando também aspectos e transformações sociais, políticas e culturais. No artigo de Laura Colares, “O corpo como memória sensorial e a incompletude da memória de infância na personagem Líbia Moirã, de Conceição Evaristo”, a autora apresenta o conceito de corpo como experiência sensorial a partir de uma memória de infância da personagem que é sentida no corpo mas não imediatamente revelada. Letícia Gomes Santana e Ana Cláudia Valério, no artigo “Decolonialidade e Intermidialidade na Galeria de Cláudia Andujar”, relacionam os trabalhos da fotógrafa Cláudia Andujar, em Inhotim, com a obra de Julieth Morales, a partir de uma leitura intermidiática e decolonial. Maria Elisa Siqueira, no artigo “O memorial do outro”, discute a construção do sujeito biográfico na obra *Os anos*, de Annie Ernaux, em que experiências pessoais e coletivas se fundem em uma narrativa que não se apoia no pronome “eu”, mas sempre na terceira pessoa. Thalisson Machado e Miriam Vieira, no artigo “Annie Ernaux e a escrita dos vestígios em *Os anos* e *Os Anos super 8*”, exploram as interseções entre romance e documentário articulando a memória subjetiva e objetiva a partir dos registros escritos e audiovisuais.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-4
----------------------------	-------------	-------	------	-----

Em “A ceia que se perde”, artigo de Thuanny Nascimento, a autora explica como Annie Ernaux, na obra *Os anos*, relaciona os momentos das refeições com a presença das mídias, ao longo de 60 anos, para mapear memórias individuais e coletivas, assim como transformações no comportamento da família.

Desejamos uma boa leitura!

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-4
----------------------------	-------------	-------	------	-----